

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA
www.comunhaolisboa.com

ANO 26

Nº 165

MARÇO - ABRIL
2009

Propriedade, Administração,
Redacção, Composição e
Impressão :

Calçada do Tojal, 95, s/c
1500-592 Lisboa
Telefone : 217 647 441

*

Director Responsável :
Manuela Vasconcelos

*

Tiragem : 150 exemplares
Distribuição Gratuita

*

Registo nº.211720
Depósito Legal Nº. 13972

Índice

Página

Editorial	2
Palavras de Kardec	5
Acordar e Erguer-se	8
Espiritismo por dentro	10
Horizonte	18
Profetas, Médiuns e Medium.	19
Páginas do Passado	24
Perante o Tempo	28

*

EDITORIAL

Volta que não volta escutamos aqui e ali, quando não proferidas pelos próprios políticos que deveriam preservar sempre a moral e os bons costumes do País, ouvimos coisas que nos fazem perguntar, intimamente, se Portugal ainda tem de cair mais fundo do que já caiu, se não atingimos já o fundo do poço.

As últimas “ideias”, que começaram a ser “semeadas” e espalhadas ao vento e pelo vento, são sobre a oficialização das uniões homossexuais e sobre a eutanásia.

Note-se que não somos contra os primeiros: respeitamo-los, como pessoas, e pensamos que cada um vive como entende que o deve fazer, sendo responsável pelos seus actos de que terá sempre que dar contas quando regressarmos ao mundo dos Espíritos – nossa verdadeira Pátria.

Mas já temos ouvido alguns dizerem que “se nasceram assim, foi porque Deus quis” e, à conta de Deus, vão agindo como muito bem entendem – sejam os homossexuais, sejam quaisquer outros seres que, fugindo à Lei, se desculpam com o Criador como primeiro responsável na conduta que seguem.

E não pensam, pobres irmãos, que se Deus é a Perfeição Absoluta não poderia nunca ser responsabilizado por atitudes que, de uma e outra maneira, só revelam a imperfeição e o atraso moral de quem assim age.

Quanto aos homossexuais (e ainda aqui não é Deus que **quer** que o sejam), são espíritos que se endividaram com o sexo ao longo de diversas reencarnações, como homens ou como mulheres, e vêm agora no sexo diferente para combaterem e libertarem-se das tendências em que tanto se endividaram. Se, no sexo diferente daquele em que faliram, procuram, agora, as mesmas tendências do que viveram então, continua o endividamento, tanto mais que cada um sabe bem o que deve e não deve fazer, face à moral que nos orienta a todos. Isto, referindo o geral, embora haja ainda mais justificativas para estas tendências.

Por outro lado, se é da Lei Divina o “Crescei e Multiplicai-vos”, como é que um Governo, seja ele qual for, pode apoiar uniões contrárias a esta mesma Lei? Para onde foi “atirada” a rectidão dos nossos avós, na orientação com que nos fizeram crescer e viver em sociedade? Para onde estão a levar o Portugal dos nossos antepassados, onde a honra e a dignidade de cada um eram o maior cartão de apresentação perante os outros?

Somos contra as uniões homossexuais da mesma maneira que o fomos contra o aborto e o somos ainda e também contra a eutanásia.

Há vários casos, que têm sido bastante publicitados, de doentes que, desligados das máquinas que os faziam “vegetar” – como pensam uns e outros – continuaram, entretanto, a viver, porquanto não era, afinal, a máquina que lhes sustentava a vida, embora assim parecesse... e muitos outros casos têm surgido de “descobertas” de medicamentos salvadores logo a seguir a uma prática eutanasiante, com a ideia (desculpa?) de se dar uma morte digna àqueles que se encontravam naquelas situações.

Queiram-no ou não as pessoas que apoiam e/ou são a favor desta prática, ninguém sabe quando é chegada ‘aquela’ hora e numa morte assistida, embora que ainda com os propósitos mais caritativos (e comodistas, muitas vezes), o acto é sempre criminoso aos olhos de Deus e, quando seja o próprio doente a pedi-lo, para além do crime do coadjuvante, há a sua própria escolha, considerada suicídio.

Quantas almas desencarnadas, que pediram a eutanásia sem terem sido escutadas, não vieram depois, através dos médiuns, agradecer o não terem sido atendidas porquanto aquelas horas (ou dias, ou meses e anos) lhes foram muito úteis para a sua evolução espiritual, face à maneira como puderam ser preparadas quando na situação comatosa que viveram!

Da formação de um qualquer médico, faz parte o juramento de Hipócrates, que todos eles são obrigados a fazer quando se formam e que resume, no seu todo, o cuidado a ter com os doentes e a obrigatoriedade de os cuidarem até ao último recurso, sempre lutando pelas vidas que lhes forem confiadas. Será que, apoiando o Governo a prática da eutanásia, está a pensar anular este juramento por ultrapassado, dado o número de séculos que ele já tem?

E os médicos que são a favor da mesma, conforme já foi dito, mas não se podem pronunciar? Não será melhor procurarem outra profissão para não serem, mais tarde, considerados criminosos? Porque criminoso não é só o que mata, com a arma na mão, mas todo aquele que tira a vida ao seu semelhante!

Onde estão os “João Semana” do tempo dos nossos Avós?

A DIRECÇÃO

PALAVRAS DE KARDEC

ESTUDO DA NATUREZA DE CRISTO

III– A Divindade de Cristo é provada pelas suas próprias palavras?

Dirigindo-se aos discípulos, que disputavam por saber qual deles era o maior, disse-lhes Jesus, chamando a si uma criança:

*“E todo o que receber a mim, recebe **aquele que me enviou**; porque quem dentre vós todos é o menor, esse é o maior.”* (Lucas, IX, 48).

*“Todo o que receber um destes meninos em meu nome a mim me recebe, e todo o que me receber não me recebe a mim, mas recebe **aquele que me enviou**.”* (Marcos, IX, 46).

Jesus disse ainda:

*“Se Deus fosse vosso pai, vós certamente me amaríeis, porque eu saí de Deus, e vim; porque não **vim de mim mesmo**, mas foi ele quem me enviou.”* (João, VIII, 42).

Jesus lhes disse mais:

*“Ainda por um pouco de tempo estou convosco; e depois vou para **aquele que me enviou**.”* (João, V, 33).

*“O que a vós ouve, a mim ouve; e o que a vós despreza, a mim despreza; e quem a mim despreza, despreza **aquele que me enviou.**”* (Lucas, X, 16).

O dogma da divindade de Jesus, funda-se na absoluta igualdade da sua pessoa com Deus, sendo ele mesmo Deus; é isto artigo de fé. Ora, estas palavras tantas vezes repetidas por Jesus – **Aquele que me enviou** – revelam não somente a dualidade de Jesus e de Deus, mas ainda, como temos dito, excluem a igualdade absoluta entre eles, porque o que é enviado, necessariamente, é **subordinado** ao que envia: obedecendo, pratica um acto de **submissão**.

Um embaixador, falando do seu soberano, dirá: **meu senhor, o que me envia**; mas, se é o soberano que vem em pessoa, falará em seu próprio nome e não dirá: **aquele que me enviou**, porque não se pode enviar a si mesmo.

Jesus o disse em termos categóricos: **eu não vim de motum proprium, mas foi Ele que me enviou**. Estas palavras: **Aquele que me despreza, Aquele que me enviou**, não implicam igualdade e muito menos identidade. Desde todos os tempos, o insulto feito a um embaixador foi considerado como feito ao próprio soberano. Os apóstolos tinham a palavra de Jesus, como Jesus tinha a de Deus; quando lhes disse: **Aquele que vos escuta, me escuta**, não queria certamente dar a entender que os seus apóstolos e ele não eram senão uma só e a mesma pessoa, iguais em tudo.

A dualidade das pessoas, assim como o estado secundário e subordinado de Jesus, relativamente a Deus, ressaltam, sem equívoco, das seguintes palavras:

“Mas vós outros sois os que haveis permanecido comigo nas minhas tentações: e, por isso, eu preparo o reino para vós outros, como meu Pai o tem pr5eparado para mim, para que comais e bebeis à minha mesa, e vos senteis sobre tronos para julgar as doze tribos de Israel.” (Lucas, XII, 28, 29 e 30).

“Eu não falo senão do que vi em meu Pai, e vós fazeis o que vistes em vosso pai.” (João, VIII, 38).

*“E formou-se uma nuvem, que lhe fez sombra, e saiu uma voz da nuvem, que dizia: **Este é meu Filho diletíssimo: ouvi-o.**”* (Transfiguração – Marcos, IX, 6).

*“Mas quando vier o Filho do homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então se assentará sobre o trono de sua majestade; e serão todas as gentes congregadas diante dele; e separará uns dos outros, como o pastor aparta dos cabritos as ovelhas; e assim porá as ovelhas à direita e os cabritos à esquerda. Então, dirá o rei aos que hão de estar à sua direita: **Vinde, benditos de meu Pai; possuí o reino que vos está preparado desde o princípio do mundo.**”* (Mateus, XXV, 31 a 34).

(Continua no próximo número)

(In: OBRAS PÓSTUMAS, ed. Lake, 1ª Parte).



O Espiritismo é, sem contestação, o elemento mais potente de moralização, porque alui os fundamentos do egoísmo e do orgulho, dando sólido fundamento à moral; faz milagres de conversão. – ALLAN KARDEC - Obras Póstumas, , in ‘Questões e Problemas’.

ACORDAR E ERGUER-SE

*“Desperta, tu que dormes! Levanta-te
dentre os mortos e o Cristo te iluminará.”*
- PAULO. (Efésios, 5:14).

Há milhares de companheiros nossos que dormem, indefinidamente, enquanto se alonga debalde para eles o glorioso dia de experiência sobre a Terra.

Percebem vagamente a produção incessante da Natureza, mas não se recordam da obrigação de algo fazer em benefício do progresso colectivo.

Diante da árvore que se cobre de frutos ou da abelha que tece o favo de mel, não se lembram do comezinho dever de contribuir para a prosperidade comum.

De maneira geral, assemelham-se a mortos preciosamente adornados.

Chega, porém, um dia em que acordam e começam a louvar o Senhor, em êxtase admirável...

Isso, no entanto, é insuficiente.

Há muitos irmãos de olhos abertos, guardando, porém, a alma na posição horizontal da ociosidade. É preciso que os corações despertos se ergam para a vida, se levantem para trabalhar na sementeira e na seara do Bem, a fim de que o Mestre os ilumine.

Esforcemo-nos por alertar os nossos companheiros adormecidos, mas não olvidemos a necessidade de auxiliá-los no soerguimento.

É imprescindível saibamos improvisar os recursos indispensáveis em auxílio dos nossos afeiçoados ou não que precisam levantar-se para as bênçãos de Jesus.

Não basta recomeçar.

Quem receita serviço e virtude ao próximo, sem antes preparar-lhe o entendimento, através do espírito de fraternidade, identifica-se com o instrutor exigente que reclama do aluno integral conhecimento acerca de determinado e valioso livro, sem antes ensiná-lo a ler.

Disse Paulo: - “Desperta, tu que dormes! Levanta-te dentre os mortos e o Cristo te iluminará.” E nós repetiremos: - “Acordemos para a vida superior e levantemo-nos na execução das boas obras e o Senhor nos ajudará, para que possamos ajudar os outros.”

EMMANUEL

(In: FONTE VIVA, cap. 66, ed. FEB - Psicografia de Francisco C. Xavier).

*

ESPIRITISMO POR DENTRO

“(...) O joio da atitude pernóstica e arrogante tem sondado a sementeira do Cristo com ares de trigo vicejante.”- EURÍPEDES BARSANULFO (1).

Há anos os Benfeitores Espirituais (Bezerra de Menezes e Eurípedes Barsanulfo) vêm avisando (2) : *“Os espíritas estão desencarnando mal.”*

Na verdade, desencarnamos da mesma forma que vivemos. A morte não opera milagres, mas tão somente uma completa alteração do plano vibracional, preservando os valores (e desvalores) intrínsecos de cada um.

Por mais nos alertem os devotados Amigos Espirituais, não tem adiantado: os espíritas (muito deles – de longa data – assíduos frequentadores das casas espíritas e até mesmo alguns fundadores de instituições espíritas) continuam desencarnando mal, por apoucamento doutrinário e principalmente, pela falta de aplicação dos ensinamentos espiritistas no curso existencial, *“enquanto a caminho”* no plano da matéria.

O Hospital Esperança, fundado na Espiritualidade pelo nobre Espírito Eurípedes Barsanulfo, continua a receber magotes de espíritas desencarnados em deploráveis condições psicológicas, alguns deles nem mesmo desconfiando que já desencarnaram.

Conta o Dr. Inácio Ferreira (3) que nossos confrades desencarnados formam *“(...) verdadeiras legiões de alienados mentais, que se agrediam, uns aos outros, chafurdando em*

paisagens de sombra e angústia, constituídas por abismos de sofrimentos insuportáveis.

“Muitos deles haviam recebido o patrimônio da mediunidade iluminada pelas lições libertadoras do Espiritismo, mas preferiram enveredar pelos dédalos da irresponsabilidade, utilizando-se da superior concessão para o deleite de si mesmos e das paixões mais vis que passaram a cultivar. Outros tantos corromperam a palavra iluminativa, de que se fizeram instrumentos, utilizando-a para atender aos interesses escusos, ou negociar favores terrestres..”

Em função dos inúmeros e retumbantes fracassos dos trabalhadores espíritas encarnados que chegam ao Mundo Maior em situação de penúria espiritual e apesar dos volumosos afazeres em seu Nosocômio (hospital*), Eurípedes Barsanulfo na função de mestre e educador, separa preciosas parcelas de seu tempo para ministrar cursos preparatórios de servidores desencarnados para os labores do bem especialmente junto aos lidadores espíritas reencarnados enviscados (deixados prender-se*) na presunção, no melindre, no orgulho e no materialismo soez. Esses cursos duram aproximadamente 20 dias.

Ali os cooperadores desencarnados são aprimorados em jornadas de ensinamentos estimuladores do idealismo e da sensibilidade para que possam coadjuvar os lidadores encarnados em suas experiências na Terra.

Conheçamos parte da “*aula magna*” de um desses cursos⁽⁴⁾:

A PROPOSTA EDUCACIONAL DE JESUS

“Irmãos, Jesus seja nossa inspiração!

A proposta educacional de Jesus tem por objectivo a felicidade e sua pedagogia assenta-se no amor e na esperança. Essa felicidade, no entanto, tem um preço: a construção do Reino dos Céus aludido pelo Mestre na intimidade de cada ser.

Ele asseverou (Lucas, 17:20) que ‘*o Reino de Deus não vem com aparência exterior*’. Contudo, para a maioria esmagadora dos homens Deus ainda é procurado por fora – um atavismo que tem raízes em tempos imemoriais nos degraus do processo evolutivo.

Aqui no Hospital Esperança temos constatado todos os dias, e cada vez mais, a urgência de se conclamar os nossos co-idealistas na Terra a uma campanha pelo “Espiritismo por Dentro”.

Lamentavelmente, embora seja compreensível, o “vasio existencial” que toma conta do homem comum, tem sufocado também as esperanças frágeis de muitos corações espíritas que se encontram à míngua de uma réstia de força. Por que estariam muitos confrades nessa situação? Qual a razão de optarem pela treva quando a luz já lhes ilumina os rumos novos?

Todos que aqui nos reunimos somos testemunhas dos efeitos da negligência e da invigilância de muitos amigos queridos que foram beneficiados pela luz do Consolador mas que não se deixaram penetrar pelos raios da educação espiritual.

Compete-nos fazer algo mais em favor desse estado de coisas! Precisamos dilatar as concepções dos trabalhadores da seara acerca dos objectivos de sua adesão aos serviços de esclarecimento e edificação moral, pois muitos discípulos, mais

desatentos e mal informados, têm procurado o serviço espírita imbuídos de elevadas expectativas de vantagens pessoais embaladas por sonhos de imediatismo e facilidades. Recorrem aos centros espíritas à cata de soluções fáceis e raramente se comprometem com a essência do *Espiritismo por dentro*. Demonstram boa vontade e generosidade, todavia, em muitas ocasiões, as próprias organizações doutrinárias não lhes orientam coerentemente para serem eles próprios a solução de suas vidas, através do trabalho transformador em busca da felicidade individual.

Expressiva parcela dos aprendizes do Consolador acostumam-se assim a verem nas tarefas um pesado ónus que assumem como se estivessem resgatando extensos débitos na busca da felicidade, deixando de efectuar a educação de si mesmos nas tarefas de amor e estudo. Passam anos ou a própria existência nessa condição do *Espiritismo por fora*, entregues a posturas pudicas sem renovarem o sentimento, evitando o mal mas nem sempre com desejo real de afastar-se dele, entrincheirando-se nos labores da caridade como quem paga extensa conta com o próximo, mas nem sempre exercitando os sentimentos nobres com os quais faria sua redenção pessoal.

Procuram, quase sempre, folga e facilidade, quando o serviço do Cristo se opera exatamente na direção oposta.

Depois, desencarnam à espera de louros que não fizeram realmente por merecer, porque plantaram o bem no próximo e nem sempre cultivaram o bem em si mesmos.

Levemos ao plano físico conceitos mais lúcidos sobre o que seja a felicidade para não se confundirem em ilusões fascinantes ou teorias doutrinárias mal interpretadas.

Felicidade é o estado de satisfação existencial, uma questão toda interior e definitiva, bem diferente dos momentos fugazes de bem-estar e alegria que podem ser auferidos por empréstimo através do amparo espiritual, das genuflexões e da fluidoterapia espírita.

Se algo podemos acrescentar aos amigos domiciliados na carne será apontar o conhecimento de si mesmo como roteiro de equilíbrio e caminho para a tão almejada felicidade, a fim de assumirem '*o bom combate*' no enfrentamento íntimo.

Os Sábios guias da Verdade já registaram ⁽⁴⁾ que '*a felicidade dos Espíritos Superiores consiste em conhecerem todas as coisas.*' Saber o que se passa connosco, entender as causas de nossas reações, mergulhar nos motivos de nossas afinidades e antipatias, pesquisar as origens de nossas tendências e pendores, conhecer as raízes das emoções e pensamentos indesejáveis são conquistas interiores, fonte imensurável de realização pessoal.

Definitivamente fica claro que ser feliz é uma questão de interiorização, uma investigação perseverante sobre a bagagem integral do Espírito. Essa vantagem interior permitirá resgatar, paulatinamente, o reencontro com a Centelha Divina; o Pai que foi 'abandonado' pelo filho pródigo, a parcela de Deus no íntimo. Esse passo será um laborioso trabalho de 'dissolver' os escombros morais sob os quais se encontram soterrados, há milénios, os valores espirituais em razão da tragédia da 'orfandade escolhida', ou seja, a infeliz escolha de abandonar a segurança da plenitude, em comunhão com as Leis Divinas, pela opção da 'liberdade' para construir o caminho da insatisfação e da insaciedade através do egoísmo.

Nesse trajeto de distanciamento da ‘luz paternal’ nasceu o maior inimigo de todos nós: o orgulho. Tal sentimento nos transportou a todo tipo de arbitrariedade nos domínios da ilusão, ampliando mais e mais nossa frustração e desajuste consciencial. A reversão desse processo exigirá o compromisso de operar incansavelmente nas faixas da renovação interior em favor de novos padrões de existir e de ser, tornando-nos merecedores dos júbilos da alma perante a vida.

(...) A advertência inesquecível de Jesus, Mestre e profundo conhecedor da psicologia humana, assinalou que o Reino de Deus não surgiria com aparências exteriores; e esse estado íntimo assinalado é o reinado da paz, decorrente das almas felizes que se fizeram ‘escolhidas’ para serem os filhos pródigos de retorno à Casa Paternal; e essa ensanchar (oportunidade*) de optar e renovar os caminhos nessa direção está entregue a cada um de nós, recordando que o simples fato de nascer no corpo físico é indício de que Deus abriu ‘Seus braços’ para nós, os filhos infiéis, e nos disse: ***“Porque este meu filho estava morto e reviveu, tinha-se perdido e foi achado.”***

Nossa tarefa será levar aos irmãos iluminados pela Doutrina da imortalidade que é preciso vencer as aparências e exterioridades, vigiar as decisões para não permitir o equívoco de procurar a felicidade nas questões efémeras, repetindo velhas atitudes de religiosidade estéril em comportamentos moralistas e autoritários com os quais se acredita possuir o Reino dos Céus.

Confirmemos, em nome da caridade que pede a sinceridade, que o joio da atitude pernóstica (sentenciosa, petulante*) e arrogante tem rondado a sementeira do Cristo com ares de trigo vicejante...

Os túmulos caiados, da passagem do Evangelho, estão ressurgindo em nossa obra de amor. Ressurgem nas fileiras da caridade espírita na condição daqueles que acreditam estar com as questões espirituais resolvidas tão somente em razão da refazente sensação de paz nos movimentos abençoados das doações que, no entanto, se fortalecem a alma, não são suficientes para resolver seus problemas de consciência – única salvaguarda para a ‘morte feliz’.

Além de caridade e estudo, na forma como nossos companheiros terrenos têm compreendido, precisamos ensinar-lhes a cultivar ideais, a desenvolverem projetos de vida, a terem metas existenciais afinadas com a Proposta Educacional de Jesus e a entenderem com mais acerto o que é a humildade, para não cederem às injunções dolorosas da depressão e da desistência, tão comuns mesmo sob a tutela das tarefas doutrinárias. Conduzamo-los o quanto antes ao contato com as Verdades Evangélicas, estudadas com sensatez e fé racional, para sedimentarem uma esteira nova de motivações em todos os campos de suas existências.

Levemos, portanto, ao plano físico, especialmente aos lidadores espíritas, a mensagem de que a felicidade tem preço: o preço da renúncia e da abnegação de si mesmo em favor da efectiva implantação dos ideais renovadores no cérebro e no coração. A vitória sobre o nosso orgulho será o triunfo da paz nos rumos da humildade – sentimento de reconhecimento da real condição de Filhos Pródigos diante do Universo.

Enquanto muitos irmãos operosos e idealistas se estão comparando a missionários dos tempos modernos, carecemos de inculcar-lhes nas nascentes do coração o sentimento de humildade

no resgate da **realidade** da qual são portadores, que não ultrapassa a excelente condição de filhos arrependidos em busca de melhora e recuperação.

A Proposta Educacional de Jesus utiliza-se na pedagogia do amor a Deus, ao próximo e a si mesmo. Sua didática está contida no ensino: “**Aquele que quiser vir após mim, segue-se a si mesmo**” (Mateus, 16:24). Portanto, amor e renúncia da personalidade exigente são nossos caminhos de libertação espiritual e resgate para a aquisição da condição de filhos de Deus.

ROGÉRIO COELHO
(Muriaé – MG – Brasil)

- (1) – OLIVEIRA, Wanderley Soares. *Mereça ser Feliz*. 2ª ed. B.Horizonte, INEDE, 2003, pp.24-28;
- (2) – MIRANDA, Manoel Philomeno. *Tormentos da Obsessão*. Salvador: LEAL, 2001, p.21.
- (3) – MIRANDA, Manoel Philomeno. *Tormento da Obsessão*. Salvador: LEAL, 2001, p.31
- (4) – KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 83ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002, q. 967.
- (*) - nosso esclarecimento.

*

HORIZONTE

Hoje tudo pode vir.
Tudo, até mesmo um desgosto,
Que a tudo eu hei-de sorrir,
Como o luar a cobrir
A terra, após o sol posto.
 Hoje, não temo ninguém.
 E todos podem olhar-me
 Com torvo olhar de desdém,
 Que nem por isso hão de dar-me
 Qualquer tristeza também.
- Não há nada que desarme
A luz que minha alma tem!
 Hoje não sei bem se existe
 O Estilo ou a Literatura.
 Não tenho imagens em riste;
 Não sou alegre nem triste;
 Sinto a Poesia em ternura.
Que sonho assim me serena
E ao fundo da alma vai?
 - Uma boquinha pequena
 Deu-me um beijo e disse : - Pai!

MIGUEL TRIGUEIROS

(In: Diálogos do Céu e da Terra).

*

PROFETAS, MÉDIUNS, E MEDIUNIDADE

Num dos livros da história religiosa mais antigo que se conhece – a Bíblia -, encontramos quase que a cada capítulo do Antigo Testamento referências a vozes, sonhos, ou conversas que os profetas comunicavam ao povo, servindo essas mesmas profecias de orientação na resolução de assuntos importantes relacionados com a clã e/ou o governo do País onde viviam.

Durante muitos séculos essas profecias foram sendo aceites e recebidas como *sinais dos céus*, e de tal forma o faze-lo era vulgar que Moisés teve de proibir a invocação dos mortos para consultas triviais, tão banais elas se tornaram.

O próprio Jesus – médium direto de Deus – manifestou os seus poderes mediúnicos por diversas vezes, seja quando transformou a água em vinho, seja quando curou os doentes e deficientes físicos ou quando caminhou sobre as águas, quando procedeu à multiplicação dos pães e dos peixes, quando se transfigurou no monte Talbor, mostrando-se na companhia de Elias e Moisés... ou, ainda, quando anunciou factos a acontecerem num futuro mais próximo ou mais distante.

As manifestações mediúnicas aconteceram, também, com os apóstolos, a partir do momento em que receberam o *espírito santo* e sobre as suas cabeças foram vistas *línguas de fogo* e todos começaram a falar dialetos e línguas diferentes, no fenómeno que,

mais tarde, ficou sendo chamado de *xenoglossia* e que hoje se observa ainda nos médiuns inconscientes.

Essas manifestações aconteceram, também, com Paulo de Tarso, a primeira das quais em Damasco, e com João que, através do que lhe foi ‘mostrado’ quando degredado na Ilha de Patmos, escreveu o ‘APOCALIPSE’.

E a mediunidade, que é de todos os tempos afinal, continuou a manifestar-se nuns e noutros, aqui e ali, sem que ninguém a estudasse: acontecia e era aceite (ou não); as manifestações davam-se quando provocadas ou quando os Espíritos – Guias ou obsessores – o entendiam. Isto porque as manifestações não eram unicamente sérias embora, quem as vivesse, as acreditasse sempre como avisos a serem seguidos : prosseguindo a jornada evolutiva, cada um continua a ser, na Pátria dos Espíritos, a continuação do que tiver sido na Terra, procurando os encarnados conforme a afinidade ou o processo kármico existente com aqueles que procuram ou a quem se juntam ou, ainda, a sintonia vibratória mais próxima da sua, para a comunicação enquanto, quem a recebia, sem o conhecimento e o estudo hoje existente, a tinha sempre como séria. Podemos, até, concluir que, muitos médiuns, sem o conhecimento e o estudo só possível bem mais tarde, tanto se deixavam influenciar pelos bons como pelos maus Espíritos. Exemplo do que afirmamos foi o americano *Foster* que, no dizer de Conan Doyle, parece ter possuído, em grau exagerado, *o espírito volátil do médium típico, facilmente influenciável para o bem e para o mal.* (1)

*

Mas a promessa que Jesus fizera manteve-se latente ao longo dos séculos e, conforme o tempo foi correndo e mais e mais

desvirtuada a Doutrina Crística, mais próxima estava, também, a época do seu cumprimento. Porque Ele dissera: ***“Se me amais, guardai os meus ensinamentos e Eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Consolador para que fique eternamente convosco: o Espírito da Verdade, a quem o mundo não pode receber, porque não o vê nem conhece.”***⁽²⁾

E no final do século XVII as manifestaram revelaram, na Suécia, Emmanuel Swedenborg, cujos livros se tornaram mais populares em Inglaterra que no seu próprio País. Na América, onde diversos médiuns foram surgindo, a mediunidade tornou-se mais falada com o caso de Hydesville e as irmãs Fox com ele relacionadas – Margareth e Kate e, mais tarde, Leah, que não sendo médium teve, entretanto, bastante influência no comportamento (e descrédito) da irmã Margareth.

Douglas Home, Slade e Monk despertaram os ingleses para a verdade da vida espiritual, com as suas pesquisas, estudos mediúnicos e manifestações de efeitos físicos... mas outros se seguiram, no período de 1870 a 1900. Na América ainda, os mais conhecidos foram C. H. Foster, viajado para Inglaterra e Austrália; Madame d’Esperance, estudada por Alexandre Aksakoff, passando os últimos anos da sua existência na península escandinava, doente devido à atitude de uma pessoa que, durante uma sessão de efeitos físicos, agarrou a materialização ‘Yolanda’ para desmascarar a médium provocando-lhe, com tal atitude, um choque anímico de que nunca mais se recompôs; Eglinton, outro médium americano – o mais viajado de todos – que referia Veneza como um ***verdadeiro viveiro do Espiritismo***: viveu as primeiras manifestações mediúnicas aos 17 anos... e o reverendo W. Staiton Moses, pastor protestante inglês mas ***o escritor que mais fortemente deixou gravada a sua marca sobre o lado religioso do Espiritismo***,

publicando os seus livros, considerados clássicos da Doutrina Espírita, com o pseudónimo de M. A. Oxon.(1)

Da Itália, tornaram-se bastante falados Mirabelli e Eusábia Paladino e, em França, foram as meninas Baudin as grandes auxiliaadoras de Hypollite Rivail nos conhecimentos transmitidos do mundo dos espíritos para a Codificação por ele realizada sob o pseudónimo de Allan Kardec.

Podemos afirmar que aquelas manifestações, simultâneas e distantes umas das outras, foram como que uma resposta afirmativa às perguntas que não se precisavam mais fazer: quisesse-se, ou não, elas aconteciam e as informações dos encarnados, de pontos tão distantes como a Suécia ou a América, a França ou a Índia, a Inglaterra ou a Itália, gritavam bem da veracidade das mesmas.

*

Com uma base mais séria e segura para o estudo e análise das manifestações, depois da Codificação, e não unicamente face ao fenómeno como até então, uns e outros foram procurando saber mais dessa Doutrina que lhes abria portas desconhecidas levando a todos uma esperança diferente da vida depois da morte, e esclarecendo o quê e o porquê das coisas.

Em Portugal é Fernando de Lacerda , com as mensagens mediúnicas que recebe e publica em três volumes (o quarto foi póstumo e editado pela FEB), é Fernando de Lacerda que desperta os portugueses para a vida que continua; no Brasil, o mesmo aconteceu com Francisco Cândido Xavier, que os espíritas chegaram a propor, na década de 1980, para o prémio Nobel da Paz, com quatrocentos e vários livros mediúnicos publicados; e se

os livros o tornaram conhecido para fóra das fronteiras brasileiras, acompanha-o, na mesma tarefa, Divaldo Pereira Franco, que assumiu a sua tarefa, não só como médium psicógrafo como psicofónico, percorrendo o mundo a espalhar o conhecimento da Doutrina Espírita transmitido pelos Espíritos que dele se servem como instrumento. Acompanha-o, há alguns anos, nas suas viagens pelos continentes europeu e africano um outro médium, José Raul Teixeira... e analisando a tarefa de uns e outros, e de tantos mais que vão despontando e servindo, aqui e ali, concluímos pela certeza de que a Espiritualidade Superior está “ao leme” deste grande navio que se chama Humanidade, para que ela não se perca nos temporais que vai enfrentando mas antes, lhes vá resistindo de maneira a poder acolher-se no porto de abrigo que se chama Mundo Espiritual Superior porque, conforme a resposta à questão 622 de O LIVRO DOS ESPIRITOS, (Deus deu a alguns homens a missão de revelar a sua lei?), “(...) *Certamente, em todos os tempos houve homens que receberam essa missão. São Espíritos Superiores encarnados com o fim de fazerem progredir a Humanidade.*”

MANUELA VASCONCELOS

- (1) – Arthur Conan Doyle, História do Espiritismo;
- (2) – JOÃO, XIV: 17-26 – Kardec, Allan, EVANGELHO S/ESPIRITISMO, cap. VI.

*

PÁGINAS DO PASSADO

REGRESSÃO DA MEMÓRIA

Quando a sugestão, em vez de apelar para As faculdades imaginativas do sonâmbulo, incide sobre factos do seu passado, produz-se o fenómeno da regressão da memória, revivendo o sujeito a fase da sua vida para a qual foi chamada a sua atenção.

(...) Observámos, em alguns estados de hipnose, diversos casos de regressão, espontânea, da memória. Não recorremos à sugestão para esse fim porque queremos estudar, primeiro, as modificações que espontaneamente se produzem no sujeito, para melhor compreendermos aquelas que depois se lhe provocarem.

Embora não possamos ter ainda uma opinião bem fundamentada, os factos que temos observado levam-nos a crer que os estados da hipnose alargam sempre o campo da consciência e os casos em que há retraimento são devido apenas à regressão da memória que espontaneamente se produz.

À primeira vista, pode parecer difícil determinar se a regressão se produziu, mas nós temos usado de um processo bastante simples para chegarmos àquela conclusão. Basta perguntar ao passivo a data em que estamos para obtermos uma escala de referência. Até agora temos constatado que, sempre que há retraimento no campo da consciência e perguntamos ao passivo a data em que estamos, ele indica uma data anterior.

Para estudar melhor os diferentes estados sonambúlicos, como se produzem variações mnésicas por vezes profundas, seguindo o critério adoptado por alguns psicólogos, numero os

diferentes estados, de modo que, quando o sonâmbulo atinge um deles, possa indicar-me o número que lhe corresponde, permitindo-me assim seguir, a passo e passo, todas as mudanças que se produzem. A nossa numeração começa no primeiro estado da hipnose, e não no estado normal como alguns experimentadores usam.

Interrogo *Maria 3*, que me diz ter 8 anos; e realmente o rosto e a voz da médium revelam uma idade infantil. Aquela fase da sua vida, de que só vagamente se recorda no estado normal, ressurgue agora com os mais insignificantes pormenores. Conta-me que estando a brincar, partiu, sem querer, a cabeça a uma amiga e fugiu para casa quando a ouviu chorar. Gostou muito da festa de Malpique onde esteve havia pouco. As suas recordações são nítidas e precisas. Começa então a desenrolar os factos que se referem à época que revive. Está agora em casa de um tio; não se dá bem com a prima porque é má, mas gosta muito da criada Piedade que lhe faz as vontades. O seu jogo predilecto é a ‘semana’, mas a mãe não lhe consente jogos próprios de rapazes, além de que estraga o calçado. Descreve-me interessantes pormenores com a simplicidade natural das crianças. Tendo os olhos abertos, mostra não conhecer as pessoas presentes que nessa época não conhecia.

Recorro por fim à sugestão para a reconduzir ao momento presente, mas suspendo a actualização da memória antes de a realizar completamente. Parece que todos os pormenores que acaba de narrar-me passaram de novo a um departamento obscuro da consciência. Afirma mesmo que os factos a que aludo, e que há pouco me contou, não são verdadeiros. Mostra-se envergonhada quando lhe falo no jogo da ‘semana’, e assegura nunca o ter jogado. Mas em breve verifico que ela se recorda disso, mas não mo quer dizer, porque o considera pouco próprio de meninas e não

sabe quem eu sou (porque a actualização da memória não foi completa) para entrar em confidências comigo. Para isso, depois de fechar-lhe os olhos, dou-lhe a sugestão de que sou uma das suas amigas de infância que costumava jogar com ela a ‘semana’ às escondidas da mãe, e logo os seus receios se desvanecem. A nossa conversa torna-se familiar e incide sobre recordações da infância que nos são comuns, e que ela desenvolve com grande loquacidade.

Actualizada a memória, torno mais profundo o sono magnético; e, com um novo estado sonambúlico, surge *Maria 4*. Noto que se produziu, de novo, uma certa regressão da memória, mas agora não remontou tão longe. Estamos em Outubro de 1925; tem 14 anos. Julga-se em casa das professoras de bordados e, quando lhe pergunto quem sou eu, designa-me pelo nome de uma delas, e mostra-se reservada nas suas respostas às perguntas que lhe faço. Sugiro-lhe que sou uma das suas colegas e aceito o nome que ela me dá. Desde então a sua conversa torna-se muito familiar. De outra vez está em casa, na província, toma-me pelo ‘homem da cal’, e trava comigo larga conversa, adequada à minha nova personalidade.

*

NOTA FINAL:

O assunto deste opúsculo constitui uma parte de um trabalho sobre *Mecânica Transcendental* que temos em preparação e no qual seguimos uma orientação diferente da geralmente usada, aguardando, por isso, o resultado das experiências que iniciámos.

Os processos de investigação supranormal são extremamente delicados e assim, para combater as possibilidades

de erro, torna-se indispensável uma experiência prolongada e persistente, fazendo variar as condições de produção dos fenómenos e comparando os resultados, não esquecendo os mais insignificantes pormenores.

Mas, além disso, para que um estudo desta natureza tenha alicerces firmes e seja completo, deve ser precedido de uma *Crítica do Conhecimento*, e de uma *Crítica da Matéria*. Assim se esclarecem muitos pontos obscuros, integrando os fenómenos supranormais nas próprias conclusões da ciência moderna. É esta, em resumo, a nossa orientação geral.

No vasto âmbito da mecânica transcendental, há, porém, um facto de capital importância: - é o pensamento. O seu estudo encontra-se sistematizado numa obra de Annie Besant e Leadbeater – *Les Formes Pensées* – que é um livro interessante. Entretanto, para nós, que divergimos fundamentalmente dos processos teosóficos de investigação (que não podem ser facilmente verificados) e duvidamos mesmo do seu rigor científico, aquele trabalho apresenta-se com deficiências insuperáveis, parecendo-nos que a fantasia ultrapassou, em muito, a verdade positiva que todos os experimentadores conscienciosos têm o dever de procurar. Mas nem por isso deixamos de render louvores àquela obra que consegue exprimir, sinteticamente, com clareza e com brilho, o mecanismo e acção do pensamento, mantendo porém as nossas divergências quanto ao seu estudo analítico.

Em vista destas divergências e, em especial, por compreendermos as vantagens enormes de serem divulgados estes conhecimentos que tanta luz derramam na nossa vida, e esclarecem muitos pontos obscuros da psicologia normal,

patológica e supranormal, ocupámo-nos já, em artigos deste assunto, os quais reunimos hoje.

ANTÓNIO LOBO VILELA

(In: PODER MENTAL, opúsculo, 1ª edição, 1931).

*

Em nenhuma condição malbaratar o tempo com polémicas e conversações estéreis, ocupações fantasistas e demasiado divertimento.

Desperdiçar tempo é esbanjar património divino.

Ainda que assoberbado de realizações e tarefas, jamais descurar o bem que possa fazer em favor de outros.

Quando procuramos o bem, o próprio bem nos ensina a encontrar o “tempo de auxiliar”.

“Ainda não é chegado o meu tempo, mas o vosso tempo está sempre pronto.” – JESUS. (João, 7:6)

ANDRÉ LUIZ

(In: CONDOTA ESPIRITA, Vieira, Waldo, ed. FEB, cap. 38).

*